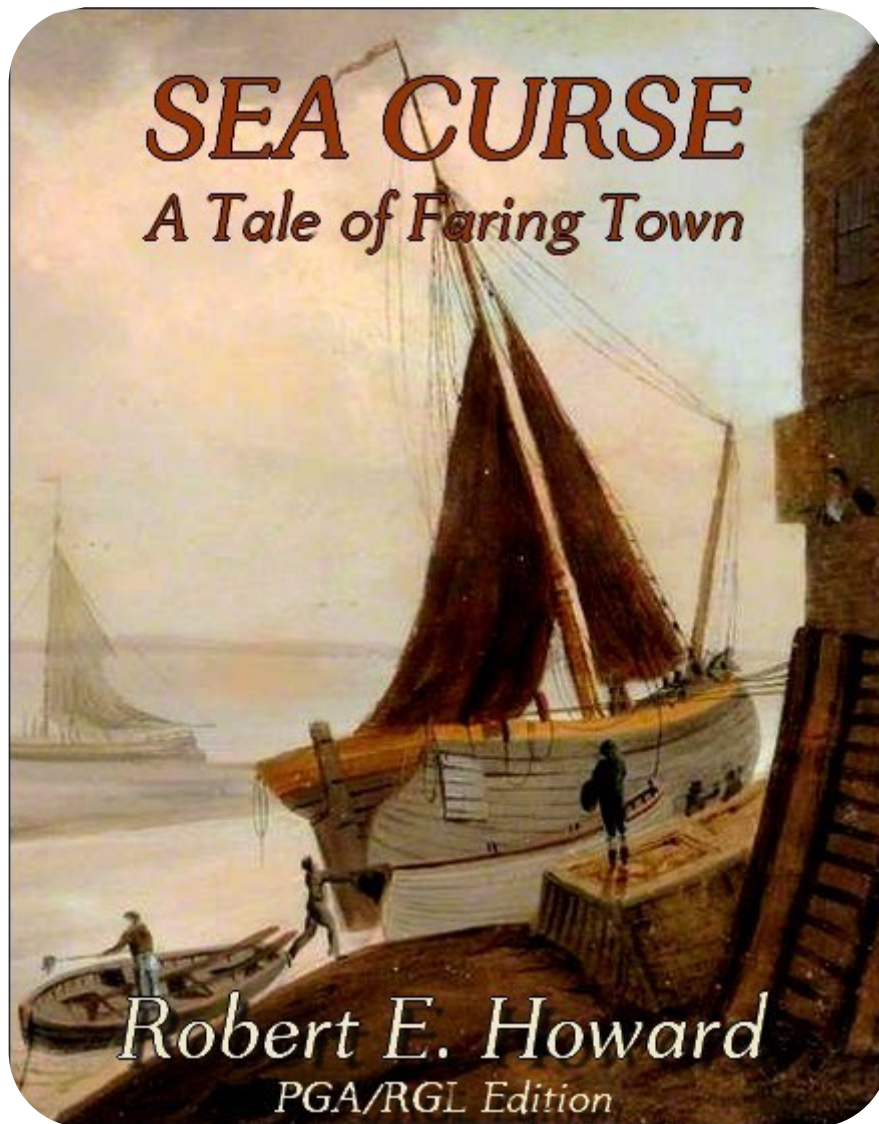


A Maldição do Mar

Por Robert E. Howard

Tradução: Marcelo Souza



A MALDIÇÃO DO MAR



Publicado pela primeira vez em *Weird Tales*, maio de 1928

A Hora da Weird Tales

REGISTERED IN U.S. PATENT OFFICE



A MAGAZINE of the

BIZARRE and UNUSUAL

VOLUME XI

NUMBER 5

Published monthly by the Popular Fiction Publishing Company, 2457 E. Washington Street, Indianapolis, Ind. Entered as second-class matter March 20, 1923, at the post office at Indianapolis, Ind., under the act of March 3, 1879. Single copies, 25 cents. Subscription, \$2.50 a year in the United States; \$3.00 a year in Canada. English office: Charles Lavell, 13, Serjeant's Inn, Fleet Street, E. C. 4, London. The publishers are not responsible for the loss of unsolicited manuscripts, although every care will be taken of such material while in their possession. The contents of this magazine are fully protected by copyright and must not be reproduced either wholly or in part without permission from the publishers.

NOTE—All manuscripts and communications should be addressed to the publishers' Chicago office at 450 East Ohio Street, Chicago, Ill. **FARNSWORTH WRIGHT, Editor.**

Copyright, 1928, by the Popular Fiction Publishing Company

Contents for May, 1928

Cover Design	C. C. Senf
<i>The abduction of Thalia—a scene in "The Bat-Men of Thorium"</i>	
The Eyrie	580
<i>A chat with the readers</i>	
The Bat-Men of Thorium (Part 1)	Bertram Russell 582
<i>Three-part serial story of a giant submarine and a strange land under the ocean bed</i>	
The Skeleton Under the Lamp	Bassett Morgan 599
<i>Unspeaking orgies took place under the blazing eyes of the Skeleton under the Lamp—a weird tale of hypnosis</i>	
The Hand of the Invisible	E. Irvine Haines 611
<i>Strange were the results of that night in the Cuban cemetery, where the Rough Rider lay wounded by a Spanish bullet</i>	
Sea Curse	Robert E. Howard 617
<i>John Kulrek and Lie-lip Canool felt the baneful force of the old woman's curse—a weird tale of the sea</i>	

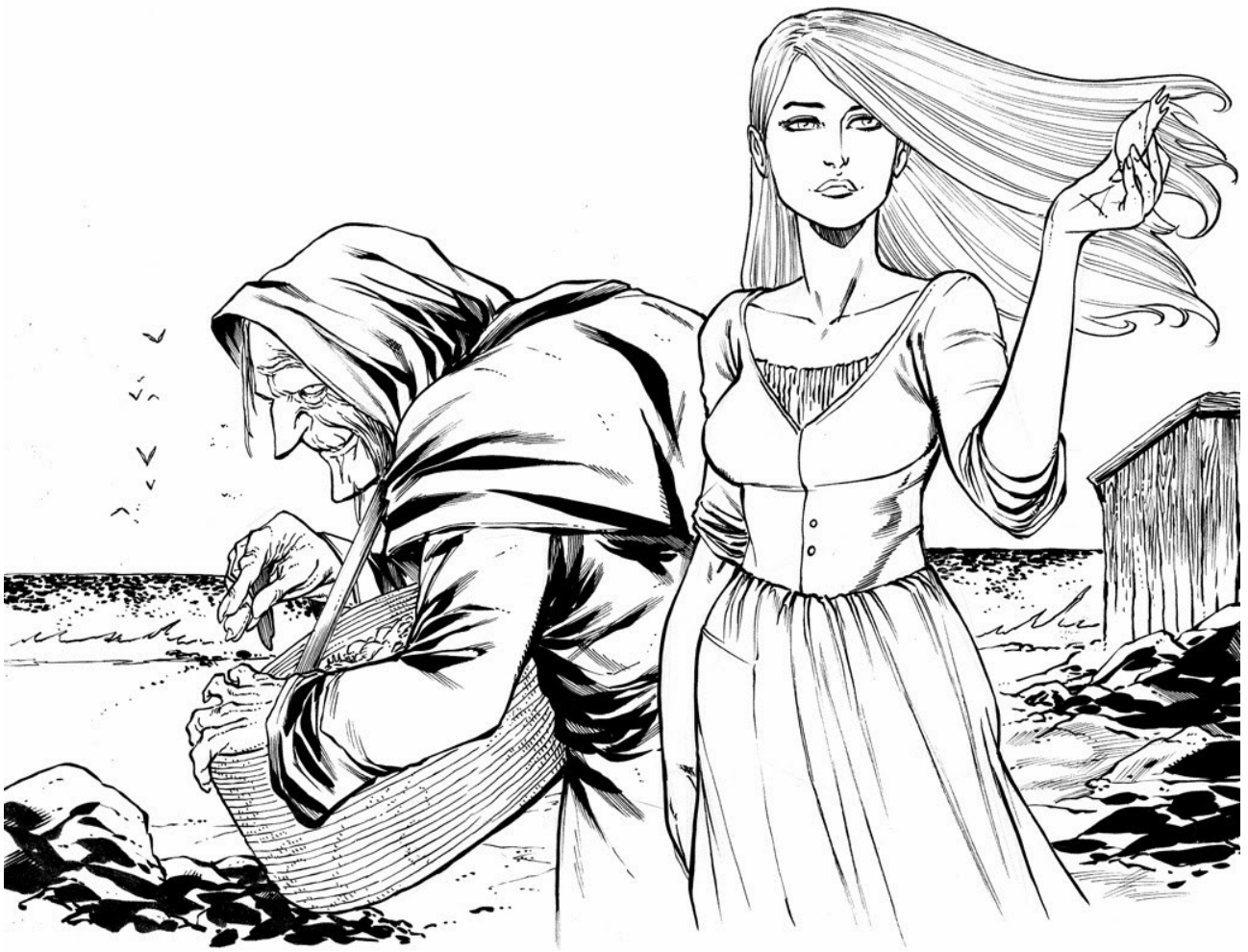
[CONTINUED ON NEXT PAGE]

A Maldição do Mar

Sea Curse

*E alguns retornam ao cair da luz fraca
E outros, em um sonho acordado.
Pois ela ouve os calcanhares dos fantasmas gotejantes
Que andam por entre as vigas ásperas do teto.*

KIPLING



ram valentões, desordeiros e os fanfarrões mais audaciosos que bebiam muito e gritavam alto, do vilarejo de Faring Town. Tratava-se de John Kulrek e seu comparsa, o mestiço chamado Canool, apelidado de Língua Enganosa pela velha Mool Farrell. Muitas vezes, eu, um rapaz de cabelos despenteados, meio amedrontado e meio admirado por esses insensatos lobos do mar, me aproximava furtivamente até a porta da taverna para ouvir suas conversas recheadas de juramentos de maldições, discussões blasfemas e profanas e cantos selvagens do mar .

Sim, todas as pessoas do vilarejo de Faring olhavam para eles com medo e admiração, pois não eram como o resto dos homens daquele povoado; não se contentavam em exercer seu ofício ao longo da costa e entre os cardumes de dentes de tubarão. Sem bocejos, nem esquifes, eles se afastavam muito mais

A MALDIÇÃO DO MAR

longe do que qualquer outro homem da vila, pois embarcavam nos grandes veleiros que saíam nas marés brancas para enfrentar o inquieto oceano cinza e atracar em portos de terras estranhas.

Ah!, recordo que eram tempos difíceis na pequena vila costeira de Faring Town, quando John Kulrek regressou, acompanhado de seu dissimulado amigo, Língua Enganosa ao seu lado, desfilando pela prancha das docas, fazendo ressoar seus passos arrogantes, com suas largas roupas de marinheiro cheirando a alcatrão num cinto de couro que segurava sua adaga sempre pronta; gritando condescendentes saudações a alguns conhecidos favoritos e beijando uma donzela que se aventurou muito perto; depois subiu a rua, rugindo uma música do mar quase indecente. Como riam os vagabundos, ociosos, e bêbados que se aglomeravam sobre os dois heróis desesperados, lisonjeiros e sorridentes, gargalhando hilariamente a cada piada desagradável. Pois, para os frequentadores da taverna e para alguns dos mais fracos entre os moradores simples, esses homens com suas línguas desenfreadas e modos bruscos que contavam suas histórias dos Sete Mares e de países distantes, eram guerreiros valentes e sujeitos honrados que por natureza haviam escolhido o caminho do sangue e fogo.

E todos os temiam, de modo que quando um homem era espancado ou uma mulher insultada, os aldeões apenas murmuravam e não faziam nada. Assim, quando a sobrinha de Moll Farrell foi envergonhada por John Kulrek, ninguém se atreveu a colocar em palavras o que todos pensavam. Moll nunca se casara, e ela e a garota moravam sozinhas em uma cabana perto da praia, tão perto que na maré alta as ondas chegavam quase à porta.

As pessoas da vila consideravam a velha Moll uma espécie de bruxa, e ela era uma mulher sombria e abatida que quase nunca falava com a alguém. Mas ela se importava com seus próprios assuntos, e ganhava a vida recolhendo moluscos e pegando pedaços de madeira flutuante.

A garota era uma coisinha bonita, tola, vaidosa e que podia ser facilmente enganada; caso contrário, ela nunca haveria se rendido às agruras lisonjeiras de tubarões como John Kulrek.

Lembro que era um gélido dia frio de inverno, com uma brisa forte e cortante vinda do leste, quando a velha mulher entrou na rua da vila, gritando que a garota havia desaparecido. Todos nós fomos procurá-la pela praia e entre as colinas sombrias do interior que se erguiam terra adentro - todos, exceto John Kulrek e seus companheiros que estavam sentados na taberna, jogando daos. Durante todo o tempo, além dos cardumes, ouvimos o rugir incessante e inquieto do monstro cinzento que jogava com força contra os baixios, e na penumbra do amanhecer fantasmagórico a sobrinha de Moll Farrell regressou a sua casa.

As marés a levaram gentilmente pelas úmidas areias e a deitaram quase à sua própria porta. Era branca como uma virgem, e seus braços estavam cruzados sobre o peito inerte; seu rosto estava calmo, e as marés cinzentas chocavam-se em seus membros delicados. Os olhos de Moll Farrell tinham uma expressão pétrea, entretanto, ela permaneceu diante da garota morta sem falar nada até o momento em que John Kulrek e seu amigo descerem da taverna, cambaleando, com os copos de bebida ainda nas mãos. John Kulrek estava bêbado e o povo voltou-se para ele, com a suspeita de assassinato em suas almas; então ele passou diante do corpo da garota morta e riu da cara de Moll Farrell.

—Diabos, Língua Enganosa – maldisse John Kulrek — a garota se afogou! Língua Enganosa sempre odiou Moll Farrell, pois fora ela quem lhe dera o nome de Língua Enganosa.

Então John Kulrek ergueu o copo de bebida, cambaleando sobre suas pernas inseguras.

—Brindemos pela saúde do fantasma da moça afogada! — ele berrou, enquanto todos ficaram horrorizados.

Então Moll Farrell falou, e as palavras partiram dela como um grito que causou calafrios nos espinhos da multidão.

—A maldição do Demônio Maligno caia sobre você, John Kulrek! — ela gritou. Que a maldição de Deus repouse sobre sua alma repugnante por toda a eternidade! Que você olhe para paisagens que chamuscarão seus olhos e queimarão sua alma! Que você morra de uma morte sangrenta e queime nas chamas do inferno por um milhão e um milhão e ainda um milhão de anos! Eu te

A MALDIÇÃO DO MAR

amaldiçoou no mar, na terra, no ar, e em todas as partes do mundo, e que caiam sobre ti os demônios dos oceanos, dos pântanos, das florestas e os duendes malignos das colinas! E tu - seu dedo cadavérico apontou para Canool, o Língua Enganosa - e ele retrocedeu enquanto seu rosto empalidecia. Tu será a morte de John Kulrek e ele será a tua morte! Tu conduzirás John Kulrek às portas do inferno e John Kulrek te levará à forca. Coloco o selo da morte em sua testa, John Kulrek! Viverás aterrorizado e morrerás horrorizado nos mares distantes, cinzento e frio! Mas o mar que acolheu em seu seio a alma de uma inocente não receberá a tua, mas lançará sua vil carcaça às areias! Sim, John Kulrek - ela falou com uma intensidade tão terrível que a zombaria bêbada no rosto do homem mudou para uma de estupidez suína - o mar rugiu por uma vítima que não vai guardar! A neve brilha nas colinas, John Kulrek, e, antes que derreta, seu cadáver estará aos meus pés. E cuspirei nele com alegria.

Kulrek e seu amigo navegaram ao amanhecer para uma longa viagem, e Moll voltou para a cabana e para a coleta de moluscos. Parecia ficar mais magra e sombria do que nunca e seus olhos ardiam com um brilho enfermo. Os dias passavam e as pessoas sussurravam entre si que os dias de Moll estavam contados, pois ela se assemelhava mais a um fantasma de mulher; mas ela seguiu seu caminho, recusando toda a ajuda.

Aquele foi um verão curto e frio e a neve nas colinas áridas do interior não derreteu; algo muito incomum, que causou muitos comentários entre os moradores. Ao entardecer e ao amanhecer, Moll aparecia na praia, contemplava a neve que cintilava nas colinas e depois se voltava para mirar o mar com uma intensidade feroz no olhar.

Então os dias ficaram mais curtos, as noites mais longas e mais escuras, e as marés cinzentas e frias vieram varrendo os sombrios baixios, trazendo consigo a chuva e granizo da brisa forte do leste.

E, em um dia lúgubre, um navio mercante navegou para a baía e ancorou. E todos os ociosos e os curiosos se aproximaram até o cais, pois era nesse navio que John Kulrek e Língua Enganosa haviam navegado. Língua Enganosa desceu

pela rampa de madeira mais furtivo do que nunca, mas John Kulrek não estava com ele.

Canool balançou a cabeça para as perguntas das pessoas que gritavam para ele.

—Kulrek abandonou o navio em um porto de Sumatra — disse. Ele teve uma briga com o capitão, rapazes; queria que eu também desertasse, mas não! Eu tinha que ver vocês, bons rapazes de novo, hein garotos?

Língua Enganosa caminhava encolhido, meio escondido quando de repente recuou quando Moll Farrell apareceu abrindo caminho entre a multidão. Durante certo tempo, ficaram olhando um para o outro; então os lábios sombrios de Moll se torceram em um sorriso terrível.

—Tem sangue na sua mão, Canool! — ela atacou de repente, tão de surpresa que Língua Enganosa não pode evitar que a mão direita dela tocasse na manga esquerda de sua camisa.

—Afaste-se, bruxa! —ele rosnou com raiva repentina, caminhando com grandes passadas através da multidão que reunia-se ao seu redor. Seus comparsas o seguiram até a taverna.

Agora, lembro que o dia seguinte foi ainda mais frio; nevoeiros cinzentos vinham do leste fazendo com que o mar e as praias parecessem um manto gélido. Nenhum barco navegaria naquele dia e, portanto, todos os moradores estavam em suas casas aconchegantes ou contando histórias na taverna. Por isso, Joe, meu amigo, um rapaz da mesma idade que eu, fomos os primeiros que viram a primeira das coisas estranhas que aconteceram no povoado.

Sendo rapazes sem sabedoria, com pouco juízo, estávamos sentados em um pequeno barco a remo, flutuando no final dos cais, cada um tremendo e desejando que o outro sugerisse ir embora dali, não havendo razão para estarmos ali, exceto que era um bom lugar para construir castelos aéreos sem perturbações.

De repente, Joe levantou a mão: Chiton — ele disse — está ouvindo? Quem pode estar na baía em um dia como esse?

—Ninguém. O que você ouviu?

—Remos. Ou eu sou um tolo. Escute.

A MALDIÇÃO DO MAR

Era impossível ver alguma coisa naquele nevoeiro, e tão pouco poderia ser ouvido algum som. No entanto, Joe jurou que ouviu algo, e de repente seu rosto assumiu um olhar estranho.

—Alguém está remando lá fora, eu juro! A baía está repleta com o som de remos! Pelo menos vários barcos! Seu idiota, você não pode ouvir?

Então, enquanto balançava a cabeça, ele se levantou e começou a desamarrar a corda que prendia o bote.

—Vou lá ver. Então poderá me chamar de mentiroso se a baía não estiver cheia de barcos, todos juntos como uma frota próxima. Você vem comigo?"

Sim, eu iria com ele, apesar de não ter ouvido nada. Então, fomos na escuridão, e a neblina cinza se fechou atrás e na frente de nós, de modo que flutuamos em um mundo vago de fumaça, sem podermos ouvir ou ver algo. Estávamos perdidos em pouco tempo, e eu amaldiçoei Joe por nos levar a uma perseguição de supostos gansos selvagens que estavam nos arrastando mar adentro. Pensei na sobrinha de Moll Farrell e estremei.

Parecia impossível calcular a distância que percorremos. Há quanto tempo ficamos no encalço dessa pista, não sei. Os minutos se convertera em horas, e as horas em séculos. Mas Joe ainda seguia jurando que ouvia o ruído dos remos, as vezes ao alcance da mão, outras muito distante, e por horas os seguimos, remando nosso curso em direção ao som, à medida que o barulho aumentava ou diminuía. Mais tarde pensei nisso e não consegui entender.

Então, quando minhas mãos estavam tão entorpecidas a ponto de não conseguir mais segurar o remo, e a sonolência produzida pelo frio e exaustão a ponto de apoderar-se de mim, pudemos contemplar o brilho prateado das estrelas brancas através do manto de sombrias névoas que irromperam e deslizavam de repente, desaparecendo como um fantasma de fumaça. Estávamos flutuando do lado de fora da foz da baía. As águas estavam tão tranquilas como uma lagoa de cor verde-escura e prateadas à luz das estrelas, e o frio ficou mais nítido do que nunca. Estava girando o barco, para recoloca-lo novamente em direção às docas, quando Joe deu um grito, e pela primeira vez ouvi o barulho surdo de remos. Olhei por cima do ombro e meu sangue gelou em minha veias.

Uma grande e sombria proa pairava acima de nós, uma forma estranha e desconhecida que se recortava contra as estrelas, e quando recuperei o fôlego, ela brilhou bruscamente e desviou seu rumo de nós, com um zunido curioso que nunca ouvi nenhum outro navio fazer. Joe gritou e recuou freneticamente, começando a remar desesperadamente; o barco se afastou bem a tempo, no momento em que a proa se chocaria contra nós, se não teríamos morrido. Porque dos lados do navio haviam enormes remos, dispostos em várias fileiras, que o impulsionavam. Embora eu nunca tivesse visto uma embarcação assim, sabia que se tratava de uma galera. Mas o que ela estava fazendo em nossas costas? Diziam, aqueles que haviam viajado longas distâncias, que esses navios ainda estavam em uso entre os pagãos de Berberia; mas estavam muitos quilômetros de distância daquela região, e mesmo assim ela não se parecia com os navios descritos por aqueles que haviam navegado para longe.

Começamos a persegui-la, e isso foi estranho, pois, embora as águas se rompessem em sua proa, parecendo voar bastante através das ondas, ainda estava fazendo pouca velocidade, e não demorou para alcançá-la. Prendemos rapidamente um cabo a uma corrente muito além do alcance dos remos agitados, e saudamos aqueles que estivessem no convés. Mas não houve resposta e, finalmente, vencendo nossos medos, subimos a corrente e nos encontramos no mais estranho convés que o homem pisou por muitos e longos séculos.

—Isto não é uma embarcação da Berberia — murmurou Joe assustadoramente. Veja que aspecto antigo tem! Parece que vai desmoronar em pedaços a qualquer momento. Está toda podre!

Não havia ninguém no convés, nem no longo timão no qual a embarcação era dirigida. Caminhamos até o porão e olhamos para a escada abaixo. Então, ali, se algum homem estava à beira da loucura, éramos nós. Pois havia remadores lá, é verdade; sentavam-se nos bancos dos remadores, empurrando os remos rangentes pelas águas cinzentas. Entretanto, eram todos esqueletos. Sim, aqueles que remavam eram esqueletos!

Gritando, corremos até o convés para nos lançarmos ao mar. Mas no parapeito tropecei em algo e caí de cabeça, e enquanto estava estirado, vi uma

A MALDIÇÃO DO MAR

coisa que venceu meu medo dos horrores do porão por um instante. A coisa em que tropecei era um corpo humano e, debaixo da penumbra cinzenta que começava a se espalhar pelas ondas do leste, vi um cabo de punhal cravado entre seus ombros. Joe estava no parapeito, pedindo que eu me apressasse, e juntos deslizamos pela corrente e cortamos a corda do bote.

Então nós ficamos distante dentro da baía, enquanto seguimos vigiando aquela sinistra galera sombria, até fugirmos lentamente por trás dela, cheios de assombro. Ela parecia estar indo direto para a praia ao lado dos cais e, quando nos aproximamos, vimos o cais lotado de pessoas. Eles sentiram a nossa falta, sem dúvida, e agora estavam ali, sob a luz pálida do amanhecer, impressionados com a aparição que surgira do oceano sombrio em meio à noite.

A galera seguia deslizando diretamente para o cais, em linha reta, enquanto os remos produziam um débil sussurro; então, antes que ela chegasse à água rasa, produziu uma forte batida e uma terrível reverberação que sacudiu a baía. Diante de nossos olhos, a nave sombria parecia se desmaterializar-se; então ela desapareceu por completo, e as águas verdes fervilhavam onde ela havia parado, mas não ficou nenhum rastro de madeira flutuante ali, nem tão pouco em terra. Mas algo flutuava próximo à terra firme, algo mais sinistro do que uns simples troços de madeira flutuante!

Desembarcamos em meio a um murmúrio de conversa animada das pessoas que parou subitamente. Moll Farrell estava em pé diante de sua cabana, abatida contra o amanhecer fantasmagórico, com um dedo descarnado apontando para o mar. E através das areias molhadas, empurrada pelas ondas sussurrantes e carregada pela maré cinzenta, algo chegava flutuando; algo que as ondas depositaram aos pés de Moll Farrell. Ela olhou para nós, quando nos amontoamos ao seu redor, mirando um par de olhos que já não enxergavam sobre um rosto imóvel e branco. Era John Kulrek que retornava à sua casa.

Ficou ali, estirado e inerte, embalado pela maré, e, ao ser inclinado para o lado, todos viram o cabo da adaga que se erguia de suas costas - a adaga que todos nós vimos milhares de vezes no cinturão de Canool.

WEIRD TALES – maio de 1928

—Sim, eu o matei! — gritou Canool, enquanto se estremecia prostrado diante do nosso olhar. No mar, em uma noite tranquila em uma briga de bêbados, eu o matei e o joguei ao mar! E daqueles mares distantes, ele me seguiu - sua voz se converteu em um sussurro hediondo - por causa da maldição que não deixa o mar acolher seu corpo!

E o pobre diabo caiu ao solo, tremendo, com a imagem da força refletida em seus olhos.

—Sim! — a voz de Moll Farrell soou profunda e exultante. Desde o inferno dos barcos naufragados, Satanás enviou um navio de Eras passadas! Um navio vermelho de sangue e manchado com a memória de crimes horríveis! Nenhum outro suportaria carregar uma carcaça tão vil! O mar cumpriu a sua vingança e me deu a minha. Vejam agora, vejam como cuspo no rosto de John Kulrek.

E com uma gargalhada horrível, ela lançou uma cusparada para frente, enquanto o sangue começava a aflorar de seus lábios. E o sol se ergueu, finalmente, entre as ondas do mar inquieto.

FIM